

## **O INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E O SEU MUSEU EXPOSITOR: OS PRIMÓRDIOS E A CRIAÇÃO DO MUSEU CÂMARA CASCUDO/UFRN**

JACQUELINE SOUZA SILVA<sup>1</sup>

**Resumo:** No início da década de 70, a Universidade Federal do Rio Grande (UFRN) criou o seu primeiro museu oficial, o Museu Câmara Cascudo (MCC). A criação do MCC está intimamente relacionada com a descontinuidade do Instituto de Antropologia (IA), o primeiro centro de pesquisa da UFRN. Apesar de o Museu Câmara Cascudo ter sido criado em 1973, com a finalidade de manter o acervo do Instituto de Antropologia, que seria extinto, ele reconhece a sua origem no próprio IA, criado no ano de 1960. Nesse artigo procuramos refletir os primórdios do Museu Câmara Cascudo, e a sua concepção, a partir do Instituto de Antropologia.

**Palavras-chave:** Museus; História das Instituições; Instituto de Antropologia; Museu Câmara Cascudo;

### **1. INTRODUÇÃO**

No início da década de 70, a Universidade Federal do Rio Grande (UFRN) passa por uma reforma universitária que marca os fins de suas faculdades e o início dos centros acadêmicos. Nessa conjuntura, a UFRN cria o Museu Câmara Cascudo (MCC), seu primeiro museu oficial, e descontinua o Instituto de Antropologia (IA), o seu primeiro centro de pesquisa. O nascimento do Museu e a descontinuidade do Instituto estão fortemente relacionados, uma vez que o Museu Câmara Cascudo é organizado com a finalidade de manter as atividades e o acervo do então Instituto de Antropologia.

---

<sup>1</sup> Mestranda em História (Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Apesar de ter sido instituído em outubro de 1973, o MCC não considera essa data como sendo a data de sua criação. Este reconhece sua gênese no IA, criado em 22 de novembro de 1960. Esse fato nos leva a pensar a história do próprio Instituto de Antropologia e os fatores que ocasionaram tanto a sua descontinuidade como a criação do Museu Câmara Cascudo.

Sendo assim, esse artigo tem como objetivo refletir a criação do Museu Câmara Cascudo a partir da trajetória do Instituto de Antropologia, um espaço de pesquisa que por meio do seu “pequeno museu” colocava para exposição pública suas coleções.

## 2. O INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E O SEU MUSEU EXPOSITOR

No ano de 1959, Luís da Câmara Cascudo, no jornal *A República*, em texto na sua coluna *Acta Diurna*, apresentava para a população natalense a ideia de criação de um Instituto de Antropologia (IA) em Natal, mostrando esse espaço como uma “força nova” da Universidade do Rio Grande do Norte (URN), um espaço capaz de prolongar o patrimônio científico e valorizar as pesquisas do “homem norte-rio-grandense no tempo e no espaço”. (A REPÚBLICA, 1959). No texto, Cascudo apresenta as áreas de pesquisa do Instituto e como ele estaria organizado:

*Com suas seções de Antropologia Física, Antropologia Cultural e Paleontologia [...], compreendendo o estudo, a colheita documental, a sistemática metodológica, o pequeno Museu expositor, o pequeno laboratório de análises, classificações e anotações dos espécimens coletados [...]. (A REPÚBLICA, 1959)*

Essa mesma organização aparece na lei de criação do Instituto, de 22 de novembro 1960. O Instituto foi criado para “promover e a divulgar estudos sobre o homem em seus diversos aspectos físicos e culturais, inclusive tradição, hábitos e costumes, além de jazidas pré-históricas do território norterio-grandense” (NATAL, LEI Nº 2.694, 1960), e comportava em sua estrutura oficial as seguintes divisões:

- I. Seção de Administração
- II. Seção de Antropologia Física

- III. Seção de Antropologia Cultural
- IV. Seção de Paleontologia
- V. Museu**
- VI. Biblioteca
- VII. Laboratório
- VIII. Oficinas

O Instituto de Antropologia nasce em um momento no qual as Universidades brasileiras detêm a maior porcentagem da produção científica nacional, uma vez que haviam incorporado às suas estruturas os grandes centros e institutos de pesquisa, assim como seus pesquisadores, que desde a metade do século XIX desenvolviam atividades científicas, principalmente na área das ciências naturais. (LUNARDI, 2011: 31) O IA representou um marco importante na história da Universidade do Rio Grande do Norte, uma vez que foi o primeiro espaço, o primeiro centro de pesquisa, criado pela Universidade.

Apesar de ter sido criado no ano de 1960 e instituído em 1961, o Instituto instalou-se apenas em maio de 1962, em um prédio provisório, localizado na Avenida Hermes da Fonseca nº961, no bairro do Tirol. Foi nesse local onde seus fundadores, os professores Luís da Câmara Cascudo, José Nunes Cabral de Carvalho, Dom Nivaldo Monte e Veríssimo Pinheiro de Melo, deram início aos trabalhos de pesquisa científica e, conseqüentemente, à coleta de acervo, dando origem às diversas coleções científicas.

*Já iniciamos vários trabalhos de campo, no setor da Antropologia física e de cultura popular, estando em organização o nosso Museu [...]. Enfim, temos um vasto campo de atividades a desenvolver, visando o estudo sistemático da Antropologia do nosso Estado. (OFÍCIO 78, 1962)*

Foi também na sede provisória que o Instituto começou a organizar o seu museu. Um museu em uma instituição de pesquisa funcionava como uma estratégia que rompia os limites do privado, levando o IA à vida pública. A revelação do IA para o morador ou visitante encontrava-se principalmente na exposição pública de suas coleções, oriundas dos seus trabalhos de pesquisa. (LIMA & CARVALHO, 2005: 87)

É interessante observar que o Instituto não possuía apenas um museu, cada departamento do Instituto possuía um “pequeno museu expositor”, que consistia em uma ou mais salas onde peças eram expostas ao público. Essa característica pode ser visualizada quando Veríssimo de Melo, responsável pela Secção de Folclore do Departamento de Etnografia Geral, em ofício, comunica ao reitor da Universidade a intenção do seu departamento em organizar o seu Museu de Cultura Popular:

*O Departamento de Cultura popular do nosso Instituto [...] pretende organizar o seu Museu de Cultura Popular – o primeiro do gênero, no Estado, condensando tudo aquilo que os homens do campo, das praias e dos bairros populares fazem no sentido da execução de suas tarefas profissionais ou domésticas, práticas religiosas e atividades lúdicas, além da parte de Arte popular. Vimos solicitar a V. Magnificência autorização para entrar em entendimento com firmas ou pessoas desta praça que possam executar esses primeiros móveis destinados à exposição das peças do nosso futuro Museu de Cultura Popular. (OFÍCIO 47, 1962)*

Os vários museus dentro do IA, uma única instituição, podem ser entendidos como uma estratégia de seus idealizadores em autobiografar-se por meio de seus trabalhos e das coleções (LIMA & CARVALHO, 2005: 87). Pierre Bourdieu trabalha essa noção com o conceito de agentes e suas relações, onde a posição que os indivíduos ocupam no espaço determina ou orienta suas ações (BOURDIEU, 2004: 25). É visível que as coleções do Instituto não se dissociavam dos ideais de seus pesquisadores. Essa prática, de individualização em pequenos museus, construiu formas de prestígio e distinção individual naquele espaço.

Em ofício endereçado ao Reitor da Universidade, em 1962, Câmara Cascudo solicita autorização para viagem de campo e verba para aquisição de peças etnográficas e objetos de arte popular para o Museu de Cultura Popular do IA, que segundo Cascudo, prometia “ser uma mostra dos elementos mais característicos das atividades do homem Norte-riograndense” (OFÍCIO 21, 1962). Nele, Cascudo, descreve o que seriam esses elementos:

*[...] vestimenta completa do vaqueiro, arreios, miniatura de um carro-de-boi, arado mais usual, ex-votos recolhidos de capelas ou cruzeiros, almofadas de rendadeiras sertanejas, cerâmicas, cestaria, modelos de objetos ligados a lúdica infantil, enfim, um pouco de tudo aquilo que é normal na vida do nosso homem do campo (OFÍCIO 21, 1962).*

Apesar de Cascudo listar objetos que para ele seria “normal da vida do nosso homem do campo”, essas coleções estão carregadas de uma função nostálgica, o modelo desse museu, utilizando as palavras de Marl B. Sandberg, se mostrava como um “verdadeiro monumento à perda”. Para Sandberg, esse ideal de museu de cultura popular, ou de arte popular, de folclore ou etnográfico, promoveu a disseminação de traços materiais das culturas consideradas tradicionais e que mereciam de alguma forma serem salvas (SANDBERG, 2001: 441-496).

## 2.1 Os fundadores do IA e suas participações em outros museus

A ideia de dotar o Instituto de Antropologia de um museu tem origem nas trajetórias de seus fundadores, intelectuais que além de manterem contato entre si, circulavam pelas mais diversas instituições brasileiras, como o Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Museu Paraense Emílio Goeldi, essas duas consideradas as maiores instituições de pesquisa na época e as quais, constantemente, os fundadores do Instituto de Antropologia se referiam como modelo institucional a ser seguido.

Observamos que Veríssimo de Melo, em 1962, se referiu ao Museu de Cultura Popular do Instituto de Antropologia como sendo o primeiro do gênero no Rio Grande do Norte. No entanto, no ano de 1959, o jornal *A República*, noticiava o funcionamento de um *Museu de Arte Popular* em Natal, “um dos interessantes do Nordeste”, ligado à Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura (A REPÚBLICA, 1959).

Além deste *Museu de Arte Popular*, tem-se notícia, desde 1950, da instalação do *Museu do Arquivo Público do Estado*, o qual Cascudo foi diretor, e, em 1959, da fundação de um *Museu Etnográfico*, de iniciativa do próprio Veríssimo de Melo.

O *Museu Etnográfico* foi fundado em março de 1959, na Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Norte, por Veríssimo de Melo, então professor do curso de Etnografia do Brasil da citada faculdade. Veríssimo, ao divulgar a criação deste museu em sua coluna *Acontecimentos da Cidade*, publicada no jornal *A República*, creditava à utilidade desse espaço a sua capacidade de valorizar e conservar “as sobrevivências materiais dos nossos indígenas, negros e elementos de outras etnias”. Para isso, o *Museu Etnográfico* se dividiria em três seções: “Secção do Índio; Secção do Negro; e Secção de outras etnias” e fora inspirado no *Museu do Índio*, coordenado por Plínio Ayrosa, professor de Etnografia do Brasil na Universidade de São Paulo. Veríssimo relata que em visita ao *Museu do Índio*, questionou à Ayrosa como o mesmo havia conseguido reunir tantas peças preciosas, e o mesmo respondeu: “Comecei com uma única peça” (A REPÚBLICA, 1959).

Veríssimo acreditava nesse modo de organização. E foi adquirindo peças que ele iniciou a organização do *Museu Etnográfico*:

*[...] já contamos com valiosas doações de material indígena. Da exma. sra. Alice Fernandes, que recolheu inúmeras peças na sua viagem ao território de Rondônia, do dr. Protássio de Melo e do prof. Luciano Nobrega já temos oferecimento de material interessante principalmente para a Secção do Índio. Nesse sentido, já estamos em contacto com o Serviço de Proteção ao Índio, em sua sede, no Rio de Janeiro, que dispõe de material para esse fim (A REPÚBLICA, 1959).*

Não sabemos se o *Museu Etnográfico*, o *Museu de Arte Popular* e o *Museu do Arquivo* realmente chegaram a funcionar. Acreditamos que apesar de serem criados, suas instalações não foram efetivadas.

Em 1960, Cascudo publicou um texto intitulado *Museu de Arte Popular*, na *Acta Diurna* no jornal *A República*, no qual questiona a denominação “Arte Popular” e se essas coleções realmente representavam a atividade artística do povo.

*Nunca deparei ARTE, ARTE no plano popular, nos sertões, nas praias, nas casas pobres ao redor das cidades nordestinas e sulistas. As paredes são despidas. Folhinhas policromas. Quadro de Santo. Retrato do Padre Cícero. Nada mais. O oratório guardava “vultos” dos imaginários locais [...], ARTE-ARTE, nada (A REPÚBLICA, 1960).*

Cascudo discordava da designação “arte popular”, que, para ele, seria uma “denominação letrada de coleções etnográficas”. Segundo Cascudo, o nome mais apropriado deveria ser *Museu do Povo*, “o nome melhor, mais compreensivo, humano e natural”.

É interessante observar que, dentre os quatro fundadores do Instituto de Antropologia, três já estavam envolvidos na criação de museus. Além de Verissimo e Cascudo, José Nunes Cabral também é responsável pela criação de um museu na Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade do Rio Grande do Norte.

O Prof. José Nunes Cabral de Carvalho, responsável pelo departamento de Antropologia Física do IA, foi professor da cadeira de Anatomia da Faculdade de Odontologia da Universidade do Rio Grande do Norte, onde iniciou a construção de um Instituto Anatômico, constituído de laboratórios, ossuário, anfiteatro e um museu, descrito como “uma sala especial onde as peças anatômicas ficarão depositadas em estantes de vidro” (A REPÚBLICA, 1960).

O *Instituto Anatômico* da Faculdade de Farmácia de Odontologia foi, possivelmente, inspirado no *Instituto Anatômico Antônio Pedro*, localizado em Niterói, onde Cabral trabalhou por quase trinta anos. Além de atuar nessa instituição, Cabral foi como professor da Cadeira de Anatomia do Curso Odontológico da Faculdade Fluminense de Medicina (RJ) e, de acordo com Lenilson Carvalho<sup>2</sup>, realizava pesquisas no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Não temos melhores dados que comprovem a atuação de Cabral como pesquisador do Museu Nacional, a não ser o depoimento de Lenilson Carvalho e uma notícia do jornal A

---

<sup>2</sup> Lenilson Carvalho foi aluno de Cabral na cadeira de Anatomia da Faculdade de Odontologia da Universidade do Rio Grande do Norte. Hoje é escritor e professor VER: CARVALHO, Lenilson. *Humor & Curiosidades da Odontologia*. Natal, Sebo Vermelho Editora. 2012.

*República*, em 05 de julho de 1959, quando da chegada à Natal do “prof. Dr. José Nunes Cabral de Carvalho, docente da cadeira de Anatomia da Faculdade Fluminense de Medicina e Antropologista do Museu Nacional” (A REPÚBLICA, 1959).

Quando Cabral retornou à Natal, em julho de 1959, o jornal *A República*, publicou a seguinte notícia: “NATAL (COMO PARIS) TERA UM MUSEU DO HOMEM – FALA À REPORTAGEM DE “A REPUBLICA” O PROFESSOR JOSÉ CABRAL DE CARVALHO”. Cabral, apresentado como um “estudioso da antropologia física”, fala sobre os seus planos para o ensino da anatomia em Natal e da criação do Instituto de Antropologia, onde funcionaria um “museu do homem”. (A REPÚBLICA, 1959).

O Museu do Homem mais importante e conhecido era e é o Museu do Homem de Paris, ou Musée de l'Homme, um museu etnográfico criado por ocasião da Exposição Universal de 1937, e detentor de coleções antropológicas, pré-históricas e outras meramente exóticas. De quem partiu a associação com um museu em Paris, não sabemos. No entanto, Cascudo ao apresentar o Instituto de Antropologia dizia:

*[...] nada existe que não pode ser repetido, seguido, imitado, adaptado, melhorado [...]. ET PORQUOI PAS? Um INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA na Universidade do Rio Grande do Norte? (A REPÚBLICA, 1959).*

## **2.2 A construção do Museu do Instituto de Antropologia**

O Museu do Instituto de Antropologia foi formado por vários pequenos museus expositores, onde cada departamento denominava de museu o espaço no qual eles expunham suas coleções. O Museu do IA era formado por salas individuais com peças expostas divididas de acordo com a sua natureza.



*Já iniciamos trabalhos de campo, recolhendo material em jazidas paleontológicas do Estado, instalando pequeno museu, com secções de Antropologia física, geologia e paleontologia do quaternário; indiologia e cultura popular (OFÍCIO 163, 1963).*

No boletim universitário, de setembro de 1963, encontramos um trecho onde a UFRN relata as atividades do Instituto e fala sobre o material em exposição:

*Dentro de suas finalidades, a Universidade transpôs as áreas do ensino profissional pra se dedicar, também, à investigação e à pesquisa: instalou, por isso, o Instituto de Antropologia para que o homem da região fosse estudado [...]. Temos, já, na sede do Instituto, à Avenida Hermes da Fonseca, abundante e interessante material em exposição. (Boletim Universitário II, 1963).*

No ano de 1964, o Instituto de Antropologia iniciou a construção de sua sede própria. É nesse momento que o Instituto de Antropologia recebe a denominação de *Instituto de Antropologia Câmara Cascudo (IACC)*, em homenagem ao seu primeiro diretor e um dos seus fundadores, Luís da Câmara Cascudo. O nome *Câmara Cascudo* instituiu uma identidade pessoal a esse espaço social, transferindo ao espaço Instituto de Antropologia a sua individualidade socialmente representada (BOURDIEU, 2011: 81). Essa identidade social acabou virando um problema para o IA, evidenciada quando, em junho de 1966, o diretor Cabral expôs a necessidade de uma nova mudança de nome, agora para *Instituto de Ciências Naturais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte*. Para não causar conflitos, Cabral se justifica informando que sua intenção não era tirar o nome de Câmara Cascudo do Instituto, explicando que o nome *Instituto de Antropologia Câmara Cascudo* “limitava a expansão da pesquisa ao campo da Antropologia [...] Fiquei sem saber como iria justificar o pedido de equipamentos para geologia e paleontologia” (OFÍCIO 059, 1966) No entanto o seu pedido não foi acatado e o Instituto de Antropologia permaneceu Instituto de Antropologia Câmara Cascudo.

No mês de dezembro de 1967, o Instituto de Antropologia transferiu-se para o seu prédio próprio, ainda em fase de acabamento. O projeto do prédio, encomendado pelo então diretor, José Nunes Cabral de Carvalho, juntamente com o reitor da Universidade, Onofre Lopes, trazia as seguintes diretrizes: bloco único, com divisões de salas de exposição e um longo corredor.

A inauguração oficial da nova sede do Instituto de Antropologia Câmara Cascudo ocorreu no dia 21 de março de 1969. Em 1971 foi inaugurado um prédio destinado aos setores técnico e administrativo, ficando o prédio principal exclusivo para a exposição das coleções. Não fica claro se ideia inicial era fazer um único prédio, com os setores administrativo e técnico dividindo o espaço com as salas de exposição e, talvez, com a expansão das pesquisas, sentiu-se a necessidade de separar fisicamente os laboratórios do espaço expositivo. Ou simplesmente se se instalaram no prédio do Museu enquanto esperavam a conclusão do prédio destinado aos laboratórios. O que se pode constatar de fato é que, em um primeiro momento, o prédio, que posteriormente abrigou somente as salas de exposição, recebeu todos os setores, até as conclusões das instalações centro de pesquisa.

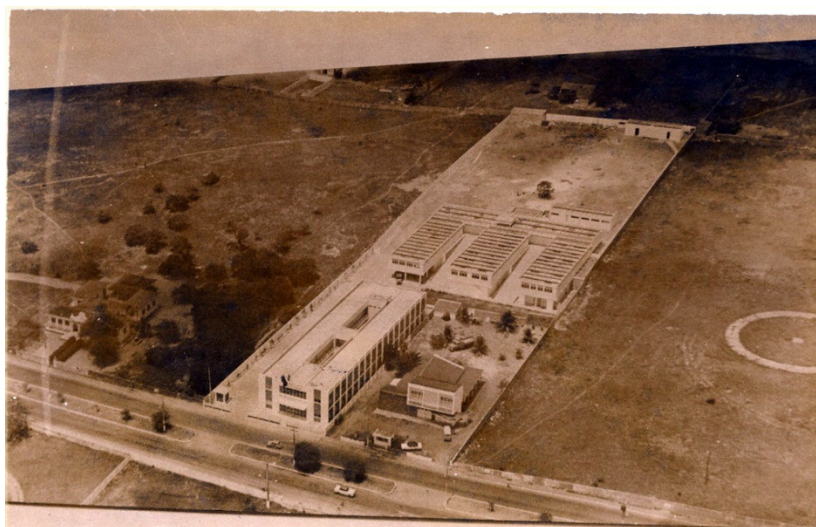


Foto 1: Imagem aérea do complexo do Instituto de Antropologia Câmara Cascudo, década de 70. A frente, o prédio destinado à exposição e ao fundo, laboratórios e setor administrativo. (Foto: Acervo MCC/UFRN)

Nesse tempo o Instituto contava já com oito divisões – Antropologia Cultural, Arqueologia, Antropologia Biológica, Genética, Zoologia, Paleontologia, Geologia e Botânica, e as salas de exposição do seu Museu seguiram essa organização, cada sala expositiva possuía uma temática, de responsabilidade do departamento específico <sup>3</sup>.

*Ninguém pense em visitar o Instituto de Antropologia em quinze minutos. Quem não acreditar em milagre, entre nesta casa e veja como em tão poucas paredes se expõe tanta pesquisa e se arruma tanta riqueza. Quem olha para o Louvre sabe de antemão que muitos dias não bastam ainda para observar as maravilhas artísticas contidas no seu interior. Quem olha para o Instituto de Antropologia, pensa de antemão que alguns minutos bastam para conhecer o que é que tem para admirar. Uma vez no seu interior a gente pede que o relógio do tempo pare; pare para que possamos ter contacto com tanta maravilha. Não podemos imaginar como em tão pouco tempo se realiza tanto (ARQUIVOS DO IA DA URN, V.1N.1, 1964)*

O ano de 1968 foi decisivo para o IA. Com a reforma universitária, a UFRN passou por uma reestruturação que marcou o fim das faculdades, resultando no agrupamento dos diversos departamentos em centros acadêmicos. O Instituto se vê isolado da Universidade, fisicamente e administrativamente, e perde suas duas principais disciplinas: a Antropologia, transferida para Centro de Ciências Humanas, e a Geologia e Paleontologia, transferida para o Centro de Ciências Exatas.

Desesperado! É assim que Cabral se define, ao saber que o Instituto de Antropologia estava sendo sufocado dentro da Universidade. Nas correspondências da época, encontramos uma

---

<sup>3</sup> No piso inferior encontravam-se seis espaços de exposição, todos com reconstituições de espaços do Rio Grande do Norte nos quais os pesquisadores do Instituto haviam realizado suas pesquisas e coletado material: 1. Reconstituição do litoral do RN; 2. Reconstituição do Sítio Paleontológico de São Rafael/RN; 3. Reconstituição de um sambaqui; 4. Reconstituição da Caverna Olho d'água da Escada, Baraúnas, RN; 5. Reconstituição do Pico da Cabugi; 6. Reconstituição da Mina Brejuí, Currais Novos, RN. No piso superior não havia reconstituições de ambientes e sim a exposição de peças da forma mais tradicional, em vitrines: 1. Sala da Anatomia Comparada; 2. Sala da Malacologia; 3. Sala da Paleocnologia; 4. Sala da Paleontologia; 5. Sala da Cana-de-açúcar; 6. Sala do Couro; 7. Sala do Índio; 8. Sala da Arqueologia; 9. Sala da Arte Sacra; 10. Sala da Arte Popular; 11. Sala do Negro.

carta do Professor Simões do Museu Paraense Goeldi (Pará), na qual sugere à Cabral a mudança do nome de *Instituto de Antropologia Câmara Cascudo* para *Museu Câmara Cascudo*.

*[...] por que não tira a palavra Antropologia? Fique com Museu Câmara Cascudo, que, debaixo deste nome cabe tudo que você quiser como acontece conosco no Pará, no Museu Goeldi e no da Quinta da Boa Vista, depois Museu Nacional (CORRESPONDÊNCIA DE JOSE NUNES CABRAL DE CARVALHO PARA PROFESSOR SIMÕES, 1973).*

Na tentativa de salvar a estrutura que o Instituto havia construído, Cabral resolve nomear oficialmente o Museu do Instituto, criando, em 1973, o Museu Câmara Cascudo/UFRN. No ano de 1974 o Instituto é descontinuado, passando a responsabilidade de toda sua estrutura física, suas coleções e seus funcionários para o recém-criado Museu (RESOLUÇÃO DO CONSUNI 1973).

### **3. É CRIADO O MUSEU CÂMARA CASCUDO/UFRN**

O Museu Câmara Cascudo (MCC) foi instituído conforme as seguintes considerações: a necessidade de preservar as pesquisas do IA; e de estruturar atividades de proteção e exposição do acervo do IA. O nome “Câmara Cascudo” permanece, tendo como justificativa a importância cultural de Câmara Cascudo como cientista social e humanista (RESOLUÇÃO DO CONSUNI 1973)

O MCC nasceu com a finalidade explícita de manter as produções materiais de uma instituição ameaçada, prestes a ser descontinuada. O museu é criado para ser um local da memória do Instituto de Antropologia. O pensamento de Pierre Nora nos mostra que esses lugares de memórias nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, ou seja, foi preciso criar o MCC para manter o que um dia foi o IA, “se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria a necessidade de construí-los” (NORA, 1993: 13)

Cabral, que assume a direção do Museu Câmara Cascudo (MCC), aferiu uma grande importância à mudança de status de Instituto para Museu, colocando o MCC no mesmo nível dos principais museus brasileiros ligados à pesquisa científica naquela época, o Museu Paraense Emílio Goeldi e o Museu Nacional do Rio de Janeiro:

*[...] a mudança do nome do Instituto de Antropologia Câmara Cascudo para Museu Câmara Cascudo, medida essa que colocava o IA nas mesmas condições do Museu Paraense Emílio Goeldi e do Museu Nacional do Rio de Janeiro, [...] medida de incalculável valor e importância, uma vez que o museu poderá abrigar, de agora em diante, todos os campos da pesquisa (LIVRO DE ATAS, 43ª ATA DA REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO DO MCC/UFRN, 1974)*

Ao redigir uma nota, em 23 de maio de 1977, dois anos antes de sua morte, Cabral diz: “o maior sonho de minha vida foi construir na minha terra um ensino de Anatomia que dignificasse por todos os títulos o curso odontológico brasileiro” e fala sobre os avisos que recebeu: “Você quer um céu grande demais pra tão pouca terra. Não acreditei.” E continua “há quem aqui afirme que das cinzas da MINHA anatomia nascia uma obra maior [...]: O MUSEU CÂMARA CASCUDO”. (NOTA DE JOSE NUNES CABRAL DE CARVALHO, 1977).

O entusiasmo de Cabral pode ser visto como a projeção do seu desejo de continuidade do IA. O que Cabral não avistava era que a mudança de Instituto para Museu significaria também a descontinuidade das ações desse espaço. A estrutura física e material do espaço permaneceu a mesma, mas as relações entre os funcionários e entre a administração da UFRN foi modificada. O Museu, passando a unidade suplementar da UFRN, não poderia mais lotar professores em seu quadro, ocasionando a transferência de muitos para os centros acadêmicos, onde visualizavam maiores chances de conciliar as atividades de ensino e desenvolver suas pesquisas.

Sem poder contratar novos pesquisadores, as atividades de pesquisa do Museu diminuiriam, tornando-se quase inexpressivas, se comparadas à produção do IA e dos principais museus

brasileiros. Com uma produção científica mínima, o espaço expositivo estagnou, a exposição permaneceu a mesma durante anos, sofrendo apenas pequenas alterações pontuais. Com o passar dos anos, o Museu se viu mais isolado da UFRN, perdendo boa parte de seus professores, pesquisadores e produção científica. Uma realidade nunca imaginada pelo seu idealizador, José Nunes Cabral.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Museu Câmara Cascudo nasceu como uma manobra de José Nunes Cabral para salvar o Instituto de Antropologia, instituição a qual dedicou toda vida profissional. O MCC foi criado, não apenas para dar continuidade aos trabalhos já desenvolvidos pelo Instituto, mas para evitar que os registros dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos neste espaço fossem destruídos. Ele já nasce com a responsabilidade de proteger a memória de um passado.

No Instituto de Antropologia, o Museu era o espaço das exposições, o prédio onde as coleções eram expostas para o público. Quando o Museu Câmara Cascudo foi criado, essa visão permanece. Uma rápida leitura das atas das reuniões e dos ofícios dos primeiros anos do Museu Câmara Cascudo no revela uma instituição dividida, onde o Museu permanecia isolado. Os laboratórios, os setores técnicos e administrativos parecem não se reconhecerem na palavra “museu”. O MCC aparece apenas como um espaço de exposição pública, um espaço cuja única finalidade é dá visibilidade às suas coleções (BREFE, 1998: 289).

Se a pretensão era que esse espaço desse continuidade aos trabalhos do extinto Instituto, isso não aconteceu. A estrutura administrativa da Universidade não mais permitia. As pesquisas e os pesquisadores, a razão principal da existência do Instituto de Antropologia, foram deslocados para outros locais e o Museu permaneceu preso em um tempo que não lhe pertencia e preso, também, em discursos que não eram mais possíveis. O Museu Câmara

Cascudo, ao ser criado, foi carregado de um sentimento nostálgico mais forte do que a vontade de continuidade ou mudança.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*A REPÚBLICA*. Natal, 31 de janeiro de 1959.

\_\_\_\_\_. Natal, 14 de março de 1959.

\_\_\_\_\_. Natal, 03 de julho de 1959.

\_\_\_\_\_. Natal, 05 de julho de 1959.

\_\_\_\_\_. Natal, 25 de setembro de 1959.

\_\_\_\_\_. Natal, 03 de fevereiro de 1960.

\_\_\_\_\_. Natal, 17 de março de 1960.

*ARQUIVOS DO IA da URN. V.1, N° 1*, Ano 1964. Depoimento do Maestro Valdemar de Almeida. Natal, 1964.

*BOLETIM UNIVERSITÁRIO, ano I, n° 1*. Natal, setembro de 1963.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p 25.

\_\_\_\_\_. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas/SP: Papirus, 2011. 11ed. p 81

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Os primórdios do museu: da elaboração conceitual à instituição pública. In: *Projeto História – trabalhos da memória*. São Paulo: PUC, n. 17, nov. 1998. pp. 281-315, p.289.

CORRESPONDÊNCIA de *Jose Nunes Cabral de Carvalho* para *Professor Simões do Museu Goeldi*. Natal, 26 de outubro de 1973.

\_\_\_\_\_. de *Jose Nunes Cabral de Carvalho* para *Arthur Napoleão de Figueiredo*, *Professor da Universidade do Pará e do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Natal, 11 de maio de 1964.

LIMA, S. F. de. & CARVALHO, V. C. de. Cultura material e coleção em um museu de historia: as formas espontâneas de transcendência do privado. In: FIGUEIREDO, B.G & VIDAL, D.G (Orgs.). *Museus – dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Argvmentvm, Belo Horizonte, pp.85-110.

LIVRO DE ATAS, *43ª Ata da reunião da Congregação do MCC/UFRN*. Natal, 1974.

LUNARDI, Maria Elizabeth. O IBPT: reprodução e esgotamento de um modelo organizacional de pesquisa. In: ARDIGÓ, Fabiano. *Histórias de uma ciência regional: cientistas e suas instituições no Paraná (1940-1960)*. São Paulo. Contexto, 2011. pp:27-99, p. 31

NATAL. *Lei nº 2.694* de 22 de novembro de 1960. Cria na Universidade do Rio Grande do Norte, Instituto de Antropologia e da outras providências. 1960.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, dez. 1993. pp. 07-28, p.13.

NOTA de *Jose Nunes Cabral de Carvalho*. Natal, 23 de maio de 1977.

OFÍCIO: *21/1962* - de Luís da Câmara Cascudo ao reitor Onofre Lopes. Natal, 13 de julho de 1962.



\_\_\_\_\_ : 47/1962 - de Veríssimo de Melo ao Sr. Prof. Efraín Morote Best – (Peruano) Catedrático de Folklore e Língua indígena da University of North Carolina (UNC). Natal, 16 de agosto de 1962.

\_\_\_\_\_ : 163/1963 - de José Nunes Cabral de Carvalho ao reitor Onofre Lopes. Natal, 05 de fevereiro de 1963.

\_\_\_\_\_ : 059/1966 - de José Nunes Cabral ao Reitor Onofre Lopes. Natal, 16 de junho de 1966

\_\_\_\_\_ : 78/1968 – de José Nunes Cabral de Carvalho para o Reitor Onofre Lopes. Natal, 29 de setembro de 1968.

Resolução do CONSUNI 1973 - Cria o Museu Câmara Cascudo/UFRN.

SANDBERG, Marl B.. Efégie e narrativa: examinando o museu do folclore do século XIX. In: SCHWARTZ, Vanessa; CHARNEY, Leo. (orgs.). O Cinema e a Invenção da Vida Moderna. São Paulo: Cosac & Naify, 2001, PP. 441-496.